



RELICI

DA ELEGÂNCIA AO TRAUMA: A REFORMULAÇÃO ESTÉTICA E NARRATIVA DA FRANQUIA 007 EM *CASINO ROYALE* (2006) E *SKYFALL* (2012)¹

*FROM ELEGANCE TO TRAUMA: THE AESTHETIC AND NARRATIVE
REFORMULATION OF THE 007 FRANCHISE IN CASINO ROYALE (2006) AND
SKYFALL (2012)*

Luís Geraldo Rocha²

RESUMO

Este artigo explora a transformação estética e narrativa da franquia 007 a partir dos filmes *Casino Royale* (2006) e *Skyfall* (2012). A figura do espião britânico, tradicionalmente associada à elegância e virilidade, é repensada nessas produções, que introduzem um Bond mais vulnerável, emocionalmente complexo e fisicamente exposto. O estudo analisa como a mudança no personagem reflete a transição cultural e social nas representações da masculinidade, especialmente após o 11 de setembro e as transformações nas convenções de gênero no cinema. *Casino Royale* é visto como uma reinvenção simbólica da franquia, rompendo com a fórmula clássica e inserindo Bond em um contexto mais realista e humano, enquanto *Skyfall* aprofunda o drama subjetivo e a reflexão sobre o passado e as fragilidades do herói. A análise também aponta como esses filmes abrem espaço para uma crítica mais profunda à construção da masculinidade no cinema contemporâneo.

Palavras-chave: James Bond, cinema contemporâneo, narrativa cinematográfica, transformação estética.

ABSTRACT

This article explores the aesthetic and narrative transformation of the 007 franchise based on the films *Casino Royale* (2006) and *Skyfall* (2012). The figure of the British spy, traditionally associated with elegance and virility, is rethought in these productions, which introduce a Bond who is more vulnerable, emotionally complex, and physically exposed. The study analyzes how the character's change reflects the cultural and social transition in the representations of masculinity, especially after 9/11 and the transformations in gender conventions in cinema. *Casino Royale* is seen as a symbolic reinvention of the franchise, breaking away from the classic formula and

¹ Recebido em 14/05/2025. Aprovado em 06/06/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17052946

² Universidade Estadual Paulista. luis.geraldo21@hotmail.com



RELICI

placing Bond in a more realistic and human context, while *Skyfall* deepens the subjective drama and reflection on the past and the hero's vulnerabilities. The analysis also highlights how these films open up space for a deeper critique of the construction of masculinity in contemporary cinema.

Keywords: James Bond, contemporary cinema, cinematic narrative, aesthetic transformation.

INTRODUÇÃO

Poucos personagens da história do cinema alcançaram o status de ícone cultural de maneira tão duradoura quanto James Bond. Desde sua primeira aparição nas telas em *Dr. No* (1962), o espião britânico criado pelo escritor Ian Fleming tornou-se uma síntese de elegância, masculinidade hegemônica e eficácia letal, estabelecendo uma fórmula cinematográfica amplamente reconhecível e reiterada ao longo de mais de vinte filmes durante seis décadas. Composta por uma combinação de exotismo geográfico, glamour, *gadgets*³ futuristas, vilões megalomaniacos e *bondgirls*⁴ estereotipadas, a narrativa clássica da franquia oferecia ao espectador uma fantasia de domínio e controle, ancorada em uma concepção arquetípica do herói. Umberto Eco (2011) afirma que a franquia estruturava-se mediante a um esquema que se repetia a cada filme, obedecendo a uma ritualística, onde cada novo filme reafirmava a ordem simbólica do personagem, posicionando-o em um local de superioridade frente ao caos externo de cada nova aventura. Nas palavras do autor:

[...] a trama de cada novo livro de Fleming é, *grosso modo*, a seguinte: Bond é enviado a um lugar dado para esclarecer e evitar um plano de tipo ficção científica, urdido por um indivíduo monstruoso de origem incerta; em todo caso não inglês, que, utilizando uma atividade própria seja como produtor seja como chefe de uma organização, não somente ganha dinheiro enormemente, mas faz o jogo dos inimigos do Ocidente. Indo enfrentar esse ser monstruoso, Bond encontra uma mulher dominada por ele e a liberta de

³ A palavra *gadget* tem origem no inglês e, em geral, significa um dispositivo pequeno, engenhoso e prático, frequentemente com uma função específica e inovadora. No contexto mais amplo, pode ser usada para se referir a qualquer tipo de aparelhinho eletrônico ou mecânico que traga alguma comodidade ou funcionalidade extra. Nos filmes de Bond, refere-se a dispositivos secretos usados por espiões, como canetas explosivas, relógios com raio laser ou óculos com visão noturna.

⁴ Expressão usada para designar as personagens femininas que contracenam com James Bond, geralmente marcadas pela beleza, envolvimento amoroso com o protagonista e funções narrativas que variam entre aliadas, vítimas ou antagonistas.



RELICI

seu passado, estabelecendo com ele uma relação erótica, interrompida pela captura de Bond pelo Mau e pela tortura que lhe é infligida. Mas Bond derrota o mau que morre de maneira horrível, e depois repousa de suas duras fadigas entre os braços da mulher, que ele está, entretanto, destinado a perder (Eco, 2011, p.163-164. Grifo do autor).

No entanto, à medida que o mundo ao redor da franquia se transformava, o personagem também passava por alterações. Com o fim da Guerra Fria, o colapso das grandes narrativas geopolíticas, o surgimento de novas ameaças difusas e, sobretudo, com a crise dos modelos tradicionais de masculinidade, a figura de Bond começou a parecer anacrônica. A ascensão de um cinema de ação mais visceral, psicológico e sombrio, como se vê na quadrilogia *Jason Bourne* (2002, 2004, 2007 e 2016) ou na trilogia *O Cavaleiro das Trevas* (2005, 2008 e 2012), passou a demandar uma reelaboração do herói de ação tradicional. Como afirma Foucault (2014, p.29),

o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; como relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, desativam-lhe os sinais [...]; o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.

Essa leitura revela que o corpo não é neutro: ele é moldado por sistemas de controle e exigências sociais que o tornam funcional dentro de uma lógica de dominação e produtividade.

Em *Casino Royale* (2006), a chegada de Daniel Craig marca o início de uma corporeidade mais exposta, fatigada e sujeita à dor, revelando um Bond que já não simboliza apenas elegância e virilidade clássica, mas se inscreve nas estruturas contemporâneas de sujeição, controle e rendimento. A reformulação do personagem, portanto, não representa apenas uma atualização da marca, mas a inscrição de uma nova lógica cultural e política do corpo masculino no cinema de ação do século XXI. No referido filme, Bond reaparece rejuvenescido, mas não idealizado. Seu corpo é vulnerável, sua mente é instável e sua missão é permeada por falhas morais e emocionais. A clássica frieza britânica dá lugar a explosões de raiva, a traços de insegurança e a uma afetividade contida, mas latente. A cena em que Bond chora a morte de Vesper Lynd ou o plano em que aparece desfigurado e ferido — algo



RELICI

impensável nos filmes anteriores — marcam essa guinada. Em *Skyfall* (2012), essa trajetória se intensifica: o filme desloca o foco da ação para o drama subjetivo, colocando em cena um Bond que enfrenta não apenas vilões, mas seus próprios fantasmas. O confronto com o passado, a decadência física, a morte da figura materna (M) e a exposição a instituições frágeis e vulneráveis refletem o esgotamento da imagem do herói invulnerável.

Jacques Aumont *et al* (2017, p.98) defendem que “o cinema é concebido como veículo das representações que uma sociedade dá de si mesma; [...] e tem a capacidade para reproduzir sistemas de representação ou articulação sociais que foi possível dizer que ele substituíra as grandes narrativas místicas”. Desta forma, é possível afirmar que o cinema não apenas representa o mundo, mas o reinterpreta por meio da encenação, da composição visual e da mobilização afetiva da imagem. *Skyfall*, nesse sentido, opera como um drama interior revestido de espetáculo, em que a paleta cromática sombria e a direção de fotografia de Roger Deakins – indicada ao Oscar – carregam o peso simbólico do fim de uma era. Para David Bordwell e Kristin Thompson (2013), o cinema contemporâneo — mesmo nos blockbusters — passou a privilegiar estruturas narrativas mais complexas e personagens moralmente ambíguos, distanciando-se da lógica clássica de causa e efeito. Em Bond, essa mudança é visível: a linearidade dá lugar ao trauma como estrutura, e o herói invulnerável se transforma em um sujeito quebrado, em busca de sentido e pertencimento.

Do ponto de vista temático, essa transição acompanha uma reconfiguração da masculinidade. A figura de Bond, outrora exemplo de um ideal viril de domínio e controle, é agora atravessada por questões de identidade, envelhecimento e perda. A crítica feminista, há décadas voltada à desconstrução da misoginia estrutural da franquia, encontra aqui um ponto de inflexão: embora ainda presente, o olhar objetificador dá lugar a relações mais complexas, como se vê na ambiguidade da relação entre Bond e M ou na figura melancólica de Séverine – amante do vilão Silva. Stuart Hall (2006, p.07) observa que “um tipo diferente de mudança estrutural está



RELICI

transformando as sociedades modernas no final do século XX. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” O “novo Bond” emerge justamente desse deslocamento de paradigmas, funcionando como um reflexo das incertezas que marcam o presente, ao mesmo tempo em que abre espaço para uma crítica mais profunda à construção da masculinidade e das normas sociais que historicamente estruturaram sua representação no cinema de ação.

Este artigo propõe analisar de maneira comparativa os filmes *Casino Royale* (2006) e *Skyfall* (2012), entendendo-os como momentos-chave de uma reformulação estética e narrativa da franquia James Bond. Argumenta-se que essa transição da elegância ao trauma, do herói idealizado ao sujeito ferido, reflete uma mutação mais ampla nos modos de representação do masculino e do heroico no cinema contemporâneo. Para isso, articula-se uma abordagem interdisciplinar, dialogando com os campos da estética cinematográfica, teoria da narrativa e crítica cultural.

A estrutura do artigo divide-se em cinco partes. A primeira seção apresenta um panorama do esgotamento da fórmula clássica da franquia. A segunda analisa *Casino Royale* como narrativa de origem e momento de inflexão simbólica. A terceira examina *Skyfall* como obra que aprofunda o drama subjetivo e celebra o fim de uma era. A quinta discute as mudanças ocorridas nas trilhas sonoras e nas canções tema dos filmes. Por fim, nas considerações finais, discute-se como a era Daniel Craig ressignifica James Bond não apenas como personagem, mas como sintoma cultural das ansiedades do presente.

O ESGOTAMENTO DA FÓRMULA CLÁSSICA DA FRANQUIA JAMES BOND

A longevidade da franquia James Bond, iniciada em *Dr. No* (1962), deve-se em grande parte à construção de um “modelo narrativo-cinematográfico” reconhecível e estável. Esse modelo inclui a figura do agente secreto imperturbável, as mulheres sexualizadas, os vilões megalomaniacos, os *gadgets* futuristas e o exotismo de



RELICI

paisagens internacionais. David Bordwell e Kristin Thompson (2013, p.144) definem o conceito de narrativa como

[...] *uma cadeia de eventos ligados por causa e efeito, ocorrendo no tempo e no espaço*. Uma narrativa é o que normalmente queremos dizer ao utilizar o termo *história* [...]. Normalmente, uma narrativa começa com uma situação: uma série de mudanças ocorre de acordo com um padrão de causa e efeito até que, finalmente, uma nova situação surge levando até ao fim da narrativa. Nosso envolvimento com a história depende do nosso entendimento do padrão de mudança e estabilidade, causa e efeito, tempo e espaço (Grifo dos autores).

Aplicando a definição de Bordwell e Thompson à franquia 007, é possível identificar que as narrativas de Bond seguem uma estrutura fixa de episódios rituais, o que contribui para uma sensação de familiaridade reconfortante para o espectador, mas também revela suas limitações quando confrontadas com novas demandas estéticas e ideológicas.

O James Bond da era Brosnan⁵, embora sofisticado e eficiente, se apresenta como um simulacro esvaziado, incapaz de dialogar com os dilemas éticos, afetivos e identitários do período pós Guerra-Fria, do mundo globalizado e seus dilemas nos estertores do século XX. Essa transformação na figura do herói reflete uma mudança mais ampla nas concepções de masculinidade, particularmente no que diz respeito à masculinidade hegemônica, um conceito discutido por Connell e Messerschmidt (2005). Para os autores, “as masculinidades hegemônicas não são fixas, mas sim históricas e sujeitas a modificações, com a hegemonia sendo constantemente negociada e redefinida”. Esse processo de mudança está visível nas representações cinematográficas, como no caso de Bond, que, ao longo das décadas, vê sua figura tradicional, caracterizada por um corpo invulnerável e uma subjetividade opaca, ser desmantelada em um contexto pós-11 de setembro, onde o cinema começa a dar mais espaço para heróis vulneráveis e moralmente complexos. Assim, a transformação de Bond na era Brosnan não é apenas uma atualização do

⁵ O ator irlandês Pierce Brosnan interpretou o agente secreto em quatro filmes entre a década de 1990 e início dos anos 2000: *007 contra GoldEye* (1995), *007: O Amanhã Nunca Morre* (1997), *007: O Mundo Não é o Bastante* (1999) e *007: Um Novo Dia Para Morrer* (2002).



RELICI

personagem, mas um reflexo de um deslocamento cultural e social nas representações da masculinidade no cinema contemporâneo.

O atentado terrorista ao World Trade Center de 2001, inclusive, é um divisor simbólico não apenas da geopolítica global, mas também das formas de representação da violência e da segurança nos blockbusters. Como discute Zygmunt Bauman (2008), em *Medo Líquido*, vivemos em uma era marcada pela insegurança difusa e pela constante sensação de vulnerabilidade, em que o medo se torna uma força organizadora da vida social. Nesse contexto, a figura do espião glamouroso e irônico começa a soar dissonante num mundo em que a ameaça terrorista é real, imprevisível e contínua. A performance de Bond, com seus códigos de elegância e controle absoluto, torna-se um anacronismo diante da valorização crescente da ambiguidade moral e da exposição emocional como marcas de autenticidade e identificação do herói contemporâneo.

Outro ponto crucial é o papel das personagens femininas, tradicionalmente reduzidas a figuras decorativas ou catalisadoras do desejo masculino. Laura Mulvey (2018), em seu clássico ensaio *Prazer Visual e Cinema Narrativo*, argumenta que o cinema *mainstream*⁶ tende a posicionar a mulher como objeto do olhar masculino (*male gaze*), função que as *bondgirls* exemplificam com clareza. Contudo, esse modelo passou a ser duramente criticado nos anos 2000, exigindo da franquia uma reavaliação de suas representações de gênero. A crescente presença de protagonistas femininas complexas em outras narrativas de ação no século XX (como *Kill Bill*, *Salt* e *Gravidade*) impôs à série Bond o desafio de reposicionar suas figuras femininas e sua própria relação com o erotismo.

Morin (1989) aponta que o cinema funciona como uma “máquina de sonhar coletiva”, oferecendo aos indivíduos os mitos, modelos e imagens em que se refletem, se reconhecem ou se alienam. A permanência do mesmo arquétipo de espião por

⁶ Refere-se à produção cinematográfica comercial voltada para o grande público, caracterizada por narrativas convencionais, altos orçamentos e ampla distribuição, especialmente pelos grandes estúdios.



RELICI

décadas, sem transformação profunda, revela um empobrecimento simbólico da franquia, cuja previsibilidade passou a ser percebida não como um mérito estilístico, mas como sinal de estagnação. Em outras palavras, o esgotamento da fórmula Bond não se deu apenas por cansaço interno, mas por uma transformação do mundo e da sensibilidade coletiva à qual a franquia, por um tempo, resistiu em responder.

A entrada de Daniel Craig em *Casino Royale* (2006) foi, portanto, uma ruptura calculada com esse passado cristalizado. A escolha de um ator fisicamente distinto, emocionalmente contido e moralmente ambíguo já anunciava uma nova proposta. A franquia dava, assim, um passo para o que Linda Hutcheon (1991), chama de “recontextualização crítica” — uma forma de reelaborar o próprio legado, ironizando e ao mesmo tempo reconstruindo sua tradição. Para a autora, no período pós-moderno, “tudo deve ser utilizado questionado, tudo deve ser questionado [...] por intermédio de sua recontextualização moderna das formas do passado” (1989, p.50).

CASINO ROYALE COMO REINVENÇÃO SIMBÓLICA

A entrada de Daniel Craig como James Bond em *Casino Royale* (2006) não representa apenas a substituição de um ator, mas um ponto de ruptura com os códigos fundadores da franquia. A produção, dirigida por Martin Campbell, opta por realizar um *reboot*⁷ da narrativa, retornando à origem do personagem, inspirado no primeiro romance homônimo de Ian Fleming, publicado em 1953. Essa escolha é, por si só, sintomática: há uma tentativa clara de reconectar Bond com suas raízes literárias e dramáticas, retirando-o da paródia elegante e irônica das fases anteriores para situá-lo em um universo mais realista, violento e introspectivo.

Bordwell e Thompson (2013, p.502) observam que o cinema de gênero é construído com base em convenção, que lhes confere uma identidade comum. Para

⁷ Reboot é um termo usado principalmente no contexto de filmes, séries de TV, jogos e franquias de mídia, e se refere ao processo de reiniciar ou recomeçar uma história ou universo, geralmente com uma nova interpretação ou abordagem, mantendo poucos ou nenhum elemento dos trabalhos anteriores. Em outras palavras, reboot significa dar uma nova vida a uma franquia ou história, frequentemente com novos personagens, enredo e estética, sem necessariamente seguir a continuidade ou a cronologia das produções anteriores.



RELICI

os autores, “determinados elementos da trama podem ser convencionais. Nós antecipamos uma investigação em um filme de mistério; vinganças são comuns nos faroestes; um musical encontrará maneiras de fornecer situações de canto”. Desta forma, o cinema de gênero opera muitas vezes pela tensão entre repetição e variação. *Casino Royale* compreende essa lógica ao reconfigurar os signos clássicos do universo Bond — a sedução, o poder, a ação, o exotismo —, mas de forma crítica e reflexiva. O filme desmonta o mito do agente infalível, propondo uma figura ainda em formação, com traços de juventude, impulsividade e erro. É um Bond que apanha, sangra, sofre e hesita — características ausentes nas versões anteriores, em que a impassibilidade era quase uma marca intrínseca ao personagem.

O corpo de Daniel Craig é fundamental nesse novo projeto simbólico. Diferente do charme esguio de Sean Connery ou da elegância de Roger Moore, Craig apresenta um físico atlético, compacto, mais próximo do lutador urbano do que do aristocrata sofisticado. Mulvey (2018), ao discutir o olhar masculino no cinema, aponta que o corpo do herói clássico é construído para ser funcional, e não contemplado — mas *Casino Royale* inverte essa lógica em diversas cenas, como a famosa saída da água, em que Craig é erotizado sob o olhar feminino. Nesse ponto, há também uma sutil subversão do regime escópico da série: o herói agora é também objeto.

FOTO 1: Minutos iniciais de *Casino Royale*



Um James Bond ferido e sujo, distante da imagem impecável dos filmes anteriores, marcando uma guinada realista na representação do herói. Fonte: Metro-Goldwyn-Mayer Inc. Capturada de tela.

Além disso, a dimensão afetiva da narrativa ganha um ineditismo. O envolvimento amoroso entre Bond e Vesper Lynd é tratado com tempo, nuance e



RELICI

consequências. Vesper não é apenas uma *femme fatale*⁸ ou uma distração romântica, mas o motor do amadurecimento emocional do protagonista. Sua inteligência, independência e ambiguidade moral a colocam em um patamar narrativo que rompe com o molde das *bondgirls*. Mulvey (2018) observa que as personagens femininas no cinema clássico são frequentemente moldadas como objetos de desejo e pilares da lógica narrativa masculina. Vesper Lynd, porém, escapa parcialmente desse destino: seu papel vai além da função decorativa ou de simples catalisadora da ação. Sua inteligência, independência e ambiguidade moral a colocam em um patamar narrativo que rompe com o molde tradicional das *bondgirls* — ela o humaniza e, ao mesmo tempo, o destrói.

O trauma decorrente da perda de Vesper é mais do que um clímax dramático, é uma inflexão existencial. A transformação do Bond emocional em um agente frio ocorre diante do espectador, que presencia o fechamento subjetivo do personagem. Deleuze (2018) propõe que, no cinema moderno, a imagem deixa de ser apenas ação e passa a ser também expressão de tempo e de afecção. O suicídio de Vesper, envolto em silêncio e imagens submersas, representa essa virada, pois não é apenas um clímax narrativo, mas uma fissura afetiva e temporal que redefine o herói. O novo Bond emerge menos como um agente em controle e mais como sujeito ferido, moldado pela experiência sensível.

Do ponto de vista formal, *Casino Royale* também se afasta da estilização exagerada dos filmes anteriores. A câmera está mais próxima do corpo, os planos são curtos, a montagem é rápida, com uso intenso do corte interno e da câmera no ombro. Martin (2007, p.22) afirma que a imagem fílmica é, “antes de tudo realista, [...] dotada de todas as aparências (ou quase todas) da realidade”. Consequentemente, essa mesma imagem suscita no espectador, “um sentimento de realidade bastante forte, em certos casos, para induzir a crença na realidade objetiva do que aparece na tela”

⁸ *Femme fatale* é um arquétipo feminino do cinema — especialmente do filme *noir* — que representa a mulher sedutora, enigmática e potencialmente perigosa, cuja sexualidade e astúcia colocam em risco o herói masculino.



RELICI

(Martin, 2001, p.22). Essa estética de aproximação visa dar ao espectador uma experiência corporal, visceral, mais próxima da realidade. O cinema de ação pós-11 de setembro, especialmente as trilologias *Bourne* e *Batman* (de Christophe Nolan), moldou um novo padrão estético de realismo sujo e denso — e Bond se alinha a esse paradigma.

Há também um rebaixamento simbólico do universo ficcional. Os vilões deixam de ser hiperbólicos e se tornam figuras associadas ao terrorismo e à especulação financeira — como Le Chiffre, interpretado por Mads Mikkelsen, que atua como banqueiro de organizações terroristas. A ameaça já não é mais estatal, mas apátrida, descentralizada e invisível — o que remete ao mundo geopolítico pós-Guerra Fria e pós-11 de setembro. Para Morin (2014), o cinema é uma máquina de mitologias, construindo e reconstruindo, por meio de signos visuais e narrativos, os medos, fantasias e tensões de uma sociedade. Em *Casino Royale*, a substituição do vilão megalomaníaco por uma figura inserida em sistemas financeiros globais reflete essa nova configuração do imaginário coletivo.

Por fim, é necessário mencionar o papel da violência no filme. Ao contrário da violência lúdica e quase coreografada das fases anteriores, *Casino Royale* opta por uma violência física dura e às vezes desconfortável. A tortura que Bond sofre — despido, amarrado e espancado — é não só corporal, mas simbólica: ele é destituído de sua masculinidade triunfante e lançado a um limbo de impotência. Tal cena marca o ponto mais baixo da trajetória do herói, no sentido aristotélico de *pathos*⁹, e abre caminho para sua reconstrução. A masculinidade, aqui, é atravessada pela dor, não mais pela dominação sem risco.

⁹ Termo originado da retórica que se refere à capacidade de uma obra ou discurso provocar emoções intensas no público, especialmente sentimentos como piedade, tristeza ou compaixão, apelando para a sensibilidade e empatia do espectador.



RELICI

FOTO 2: A tortura



Cena de *Casino Royale* em que James Bond é submetido a tortura física extrema. A sequência evidencia a desconstrução da imagem tradicional do herói invulnerável, apresentando um protagonista que experimenta dor, fragilidade e exposição corporal, em consonância com uma estética mais crua e realista do reboot da franquia. Fonte: Metro-Goldwyn-Mayer Inc. Capturada de tela.

Foto 3: Bond e Vesper no chuveiro



James Bond consola Vesper Lynd no chuveiro após os eventos traumáticos vividos. A imagem revela uma dimensão sensível e empática do protagonista, subvertendo o arquétipo do agente frio e emocionalmente distante. Essa humanização do herói marca uma ruptura com a representação tradicional do personagem nas encarnações anteriores da franquia. Fonte: Metro-Goldwyn-Mayer Inc. Capturada de tela.

Assim, *Casino Royale* pode ser compreendido como uma reescritura discursiva da franquia Bond: uma refundação estética, ética e emocional que abandona a armadura do mito em favor da carne do humano. O glamour dá lugar ao suor; o controle dá lugar à hesitação; o símbolo imperial dá lugar ao indivíduo em crise. Essa virada será fundamental para a continuidade da transformação que se aprofunda em *Skyfall* (2012), próxima etapa desta análise.



RELICI

A MATURAÇÃO EMOCIONAL DE BOND EM *SKYFALL* (2012): BOND ENTRE ESPECTROS DO PASSADO E RUÍNAS DO PRESENTE

A fase de Daniel Craig, em especial em *Skyfall*, propõe um herói que não apenas enfrenta ameaças externas, mas que também se volta para dentro — um movimento raro na história da franquia. O filme, ao articular elementos do melodrama, da tragédia e da psicanálise, revela que a “missão” de Bond já não é salvar o mundo, mas compreender sua própria falência como sujeito e como símbolo de um império em ruínas. Como afirmam Bordwell e Thompson (2013), os filmes de gênero são campos de conflito ideológico, e *Skyfall* tensiona os códigos do cinema de espionagem para falar de identidade, envelhecimento e obsolescência.

O retorno à casa da infância na Escócia, chamada *Skyfall*, é carregado de um simbolismo que ecoa a literatura gótica e os arquétipos do herói órfão em busca do próprio lugar no mundo. Há ecos de *O morro dos ventos uivantes* e *Hamlet* — ambos relatos sobre lares marcados pela ausência e pela dor. A mansão desolada funciona como metáfora do inconsciente de Bond, povoado por fantasmas (a perda dos pais, o abandono emocional, a frieza institucional). Campbell (2007) estabelece dezessete passos que um herói narrativo precisa percorrer para completar seu arco dramático. Para o referido autor, o personagem precisa superar obstáculos para completar sua aventura e se estabelecer como “mito” ou herói. Primeiramente, o personagem é retirado de seu mundo comum em direção à aventura (partido), posteriormente ele começa sua transformação de pessoa comum a extraordinário (iniciação). Por fim, ele deve voltar ao início e fazer uso de seus novos poderes.

Adaptando o conceito da jornada de herói de Campbell para o cinema, Christopher Vogler (2005, p.35) defende que “todas as histórias consistem em alguns elementos estruturais comuns, encontrados universalmente em mitos, contos de fadas, sonhos e filmes”. Em *Skyfall*, toda a jornada mítica de Bond apresenta a descida do personagem em um “inframundo psíquico”, fazendo-o ressurgir como herói. O filme realiza esse mergulho com densidade trágica, removendo o glamour habitual da série.



RELICI

FOTO 4: Bond e M na casa em que Bond passou a infância.



Bond e M adentram o casarão escocês onde o passado ainda habita. Sob o céu cinzento e o frio cortante, a caminhada de costas simboliza o retorno às origens e o confronto com memórias enterradas — um momento em que o mito do agente secreto cede lugar à fragilidade do homem.

Fonte: Metro-Goldwyn-Mayer Inc. Capturada de tela.

FOTO 5: A casa como reveladora de memórias.



Dentro do casarão em ruínas, Bond e M percorrem os vestígios de um lar desfeito pelo tempo. Ainda de costas, permanecem figuras silenciosas diante da memória e da decadência — como se a casa, tal qual o próprio Bond, guardasse segredos que só o silêncio revela. Fonte: Metro-Goldwyn-Mayer Inc. Capturada de tela.

A morte de M¹⁰, que ocorre justamente em *Skyfall*, funciona como ponto de ruptura. Não é apenas a morte da chefe do MI6 — é a queda da última âncora

¹⁰ A personagem M é uma figura central na franquia James Bond, ocupando o cargo de chefe do MI6, o serviço secreto britânico. M, geralmente interpretada por uma mulher nos filmes mais recentes, representa a autoridade e liderança dentro da organização, sendo responsável por supervisionar e orientar as missões de Bond. Ao longo dos filmes, a personagem serve como um ponto de equilíbrio para Bond, frequentemente oferecendo conselhos e críticas, e é retratada como uma figura de comando rígido, mas também de acolhimento, funcionando muitas vezes como uma figura materna para o agente 007. M, em várias versões da franquia, também simboliza a tensão entre o pragmatismo da política e os dilemas pessoais enfrentados por Bond.



RELICI

emocional de Bond. O filósofo Slavoj Žižek (2014) aponta que os sujeitos contemporâneos vivem o colapso dos grandes referenciais simbólicos que antes estruturavam suas ações. M representa, para Bond, essa instância de autoridade, mas também de acolhimento - a "mãe severa" -, e sua morte simboliza o fim de um lastro, a exposição total ao desamparo.

Além disso, *Skyfall* insere questões de identidade sexual e de performance de gênero que seriam impensáveis em filmes anteriores da franquia. A cena em que Silva alude à possibilidade de Bond ter tido experiências homoeróticas é desconcertante não apenas pelo conteúdo em si, mas por ser respondida com frieza por Bond — “E se for a primeira vez?” Essa resposta desloca a noção de masculinidade rígida e heteronormativa associada à figura do espião britânico. De acordo com Butler (2018), o gênero é uma construção performática, que se repete e se reinscreve em novos contextos. O corpo de Craig, esculpido, mas vulnerável, não apenas combate, mas sofre — e sofre à vista, como se o cinema, nesse momento, retirasse a armadura da mitologia bondiana para exhibir suas fraturas.

A fotografia de Roger Deakins, marcada por contrastes radicais entre sombra e luz, pelos tons azuis e cinzentos e pelo uso poético da penumbra, atua como linguagem subjetiva da crise de Bond. Na cena em que Bond observa M de longe, encoberta por vidros e fumaça, o enquadramento projeta a separação entre os mundos: ele não pode mais alcançar aquilo que lhe era familiar. Trata-se de um cinema da perda, em que a montagem e a *mise-en-scène* não conduzem ao triunfo, mas ao reconhecimento da falência simbólica do herói.

A relação com o vilão Silva é mais do que um conflito binário entre bem e mal — ela é especular. Ambos são produtos da mesma estrutura repressiva (o MI6), ambos foram traídos por M, e ambos carregam cicatrizes: físicas, no caso de Silva; morais, no de Bond. Segundo Foucault (2014), os dispositivos de poder que moldam sujeitos também produzem seus monstros. Silva é o avesso de Bond, uma espécie de sombra junguiana, e sua loucura é o que Bond reprime. Ao matá-lo, Bond não vence, apenas sobrevive — e o faz num mundo esvaziado de promessas heroicas.



RELICI

Foto 6: Sedução e controle



O confronto entre Bond e Silva ultrapassa o terreno físico e atinge camadas de desejo e poder: frente a frente, o vilão insinua e testa os limites do agente, que responde com ambiguidade provocativa — um jogo de sedução e domínio em plena zona cinzenta da masculinidade. Fonte: Metro-Goldwyn-Mayer Inc. Capturada de tela.

Por fim, a conclusão de *Skyfall*, com a entrada de Ralph Fiennes como o novo M e a reintrodução de elementos “clássicos” da franquia (o escritório de madeira, a porta acolchoada, o Aston Martin), não configura um retorno ao *status quo*, mas sim uma espécie de *mise-en-abyme*¹¹: é como se a franquia declarasse estar se reinventando a partir de suas ruínas. Sorlin (1977), em sua obra *Sociologia do Cinema*, observa que o cinema não apenas reflete as transformações sociais, mas também reconfigura os modelos de percepção coletiva. O novo Bond, nesse sentido, não é só um agente reformulado — é uma alegoria da própria cultura contemporânea: fragmentada, nostálgica e profundamente consciente de sua finitude.

A REINVENÇÃO SONORA DA FRANQUIA

Desde seu início nos anos 1960, a série James Bond estabeleceu uma tradição sonora marcante: a canção-tema de cada filme não apenas inaugurava a

¹¹ *Mise-en-abyme* é um termo utilizado para descrever uma técnica narrativa ou visual em que uma obra contém uma representação de si mesma, criando um efeito de reflexividade ou repetição infinita. O termo vem do francês, que significa literalmente “colocar em abismo”. Em cinema, pode se referir a uma cena ou elemento dentro de um filme que reflete ou replica a estrutura ou o conteúdo do próprio filme, criando uma sensação de espelhamento ou de camadas dentro da narrativa. O conceito também pode ser aplicado a outros meios, como literatura ou arte, onde a obra dentro da obra gera uma duplicação ou aprofundamento da ideia central.



RELICI

narrativa, mas também ajudava a moldar a identidade de cada nova aventura e intérprete do agente secreto. Escritas e interpretadas por artistas distintos — de Shirley Bassey a Paul McCartney, de Duran Duran a Madonna —, essas músicas se tornaram parte indissociável do universo de 007. Muitas alcançaram sucesso nas paradas internacionais e renderam indicações (e vitórias) no Oscar, funcionando como termômetros do espírito de cada época. Ao mesmo tempo em que dialogam com as convenções da franquia, as trilhas de abertura anunciam mudanças estilísticas, emocionais e simbólicas. É nesse contexto que as canções de *Casino Royale* (2006) e *Skyfall* (2012) se destacam, sinalizando não apenas um novo intérprete, mas uma nova sensibilidade para o personagem, funcionando como signos da reconfiguração estética e emocional da franquia.

A mudança de tom é perceptível desde os primeiros acordes de “You Know My Name”, composta e interpretada por Chris Cornell e presente nos créditos de abertura de *Casino Royale*. Em vez das harmonias clássicas e sofisticadas associadas a Shirley Bassey ou Tom Jones, a canção aposta em guitarras distorcidas, vocais rasgados e uma estrutura próxima ao rock alternativo. O herói que emerge dessa trilha é dissonante, tenso, menos sedutor e mais brutal. A letra, que insiste na solidão e na vigilância (“Try to remember the name”), antecipa o arco de amadurecimento de Bond ao longo do filme: sua transformação de agente em formação para um sujeito emocionalmente endurecido. A canção deixa claro que este Bond não é herdeiro direto do passado — é um corpo estranho ao legado anterior, como se a música marcasse, sonora e afetivamente, a ruptura com a era Brosnan e seus excessos.

Em *Skyfall*, por outro lado, a canção composta por Adele e Paul Epworth retorna a uma estética mais próxima do cânone sonoro da franquia, mas com significativas alterações de tom. “Skyfall” é melancólica, fúnebre e quase litúrgica. Se “You Know My Name” é a canção da iniciação, “Skyfall” é a canção do fim: o fim da segurança, da juventude, da autoridade simbólica. A letra — “This is the end / Hold your breath and count to ten” — funciona como elegia não apenas para M, cuja morte



RELICI

pontua o filme, mas também para a mitologia heroica que sustentava o agente secreto como figura infalível. Segundo Bordwell e Thompson (2013), a música no cinema desempenha um papel essencial na construção da narrativa, servindo como uma ferramenta para intensificar a atmosfera emocional e moldar a experiência sensorial do espectador. Em *Skyfall*, a canção funciona como antecipação emocional do colapso interno do herói. Sua sonoridade grandiosa, porém, sombria, projeta um Bond em ruínas, envolvido em uma narrativa de luto, retorno às origens e redefinição identitária.

Além de suas funções diegéticas e emocionais, as canções-tema funcionam como dispositivos de entrada no universo fílmico, moldando a recepção do espectador desde o primeiro instante. Edgar Morin (2005) observa que a cultura de massa é capaz de sintetizar grandes mutações simbólicas em formas sensíveis — e as aberturas musicais dos filmes de Bond, tradicionalmente ritualizadas, operam como rituais de passagem entre uma encarnação e outra do personagem. Ao contrariar ou subverter expectativas musicais, “You Know My Name” e “Skyfall” não apenas marcam fases distintas da trajetória de Craig como 007, mas também revelam a complexidade emocional e a profundidade trágica que passam a compor o DNA da série. Assim, o que antes era mero ornamento estilístico — a canção-tema como parte do espetáculo — torna-se enunciado estético e simbólico. Em um cinema que passa a valorizar o trauma, o fracasso e a interioridade, a música não apenas acompanha, mas revela o que as imagens não dizem. Em ambos os filmes, a canção se converte em ato narrativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Casino Royale* (2006) e *Skyfall* (2012) permite compreender a reformulação profunda da franquia 007 no contexto contemporâneo, marcada por uma inflexão tanto estética quanto narrativa. A era Daniel Craig, ao reposicionar o personagem à luz de crises afetivas, políticas e simbólicas, rompe com a linearidade clássica do herói invulnerável e elegante que caracterizou as décadas anteriores. Em



RELICI

seu lugar, emerge uma figura ambígua, vulnerável e fragmentada, cujas ações são atravessadas por traumas, dilemas éticos e perda de referências estáveis — movimento que aproxima o personagem das configurações pós-clássicas do cinema de gênero.

Como propõe Bellour (2004), a imagem cinematográfica opera em um espaço de sobreposição entre o visível e o legível, exigindo do espectador uma leitura sensível e interpretativa. Em *Skyfall*, a fotografia de Roger Deakins intensifica essa experiência, pois suas composições visuais não apenas constroem o ambiente, mas exteriorizam a desordem interna do protagonista, como se a imagem fosse atravessada por sua angústia. A fotografia de Roger Deakins em *Skyfall*, por exemplo, não apenas ambienta, mas comunica a interioridade esfacelada do protagonista, funcionando como um prolongamento sensível de sua psique. Do mesmo modo, Sorlin (1977) aponta que o cinema opera como instrumento de expressão das tensões culturais e históricas de seu tempo. A virada dramática da franquia, ao abandonar a leveza irônica e a autossuficiência emocional, inscreve Bond no imaginário de um mundo pós-11 de setembro, no qual os sistemas de segurança, identidade e autoridade estão em permanente questionamento.

A figura do herói tradicional — enraizada em padrões de masculinidade rígidos e códigos narrativos previsíveis — cede espaço a uma performance mais complexa da masculinidade. O Bond de Craig não apenas combate inimigos, mas confronta os limites da própria subjetividade. Em *Skyfall*, o retorno à casa da infância e a perda definitiva de M operam como dispositivos simbólicos de desestruturação do herói, que já não é guiado por uma missão externa, mas por uma jornada interna e desestabilizadora.

Dessa forma, a franquia James Bond, ao ser relida sob o prisma da crise e da melancolia, se reconfigura não como ruptura, mas como continuidade crítica — um processo de reinvenção em que os elementos clássicos são reelaborados à luz das inquietações contemporâneas. A elegância dá lugar ao trauma, mas a estrutura permanece, adaptando-se aos novos modos de recepção e às exigências de um



RELICI

público que demanda personagens mais humanos, complexos e contraditórios. A era Daniel Craig, ao tensionar os limites do mito Bond, não o destrói, mas o reinscreve — de forma mais sombria, reflexiva e, paradoxalmente, mais realista.

REFERÊNCIAS

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. A arte do cinema: uma introdução. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora da USP, 2013.

BELLOUR, Raymond. Entre imagens: foto, cinema, vídeo. Campinas: Papirus, 1997.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013 2.

ECO, Umberto. James Bond: uma combinatória narrativa. In: BARTHES, Roland [et. al] Análise estrutural da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento, 2007

DELEUZE, Gilles. Cinema 2: a imagem-tempo. São Paulo: Editora 34, 2005.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. Petrópolis: RJ, 2014.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUNTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1991.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MORIN, Edgar. As estrelas: mitos e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____. Cultura de massas no século XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.



RELICI

_____. O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica. São Paulo: É Realizações, 2014.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

SORLIN, Pierre. Sociologie du cinéma. Paris: Aubier Montaigne, 1977.

VOGLER, Christopher. A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ZIZEK, Slavoj. Vivendo no fim dos tempos. São Paulo: Boitempo, 2012